

Coluna Cena G e a visibilidade LGBTTT na mídia, transformações produtivas e moleculares no espaço de desterritorialização¹

Antonio José Santos de Vasconcelos²

João Ribeiro Da Silva Neto³

Diego Frank Marques Cavalcante⁴

Devry-Fanor, Fortaleza, CE

RESUMO

Este artigo visa analisar a coluna Cena G do jornal cearense O Povo, evidenciando a quebra de seus limites hegemônicos e de diversidade, como um processo implícito comunicacional da minoria LGBTTT, tendo por referência a leitura das obras de Félix Guattari, Gilles Deleuze, Michel Foucault e outros. Busca-se pensar a coluna a partir de um contexto micropolítico, mobilizador e entender a captura singular como um meio massivo de expressão e suas possibilidades de resistência pelos autores esboçada, problematizando Cena G nesse território e encontrando sua reapropriação definitiva.

Palavras-chave: LGBTTT; Cena G; micropolítica; molecular; desterritorialização.

INTRODUÇÃO

Dentre as diversas minorias sociais do Brasil e de maior parte do mundo, os homossexuais, com ênfase nos gays, nas lésbicas e nos transexuais ou transgêneros, continuam sendo as principais vítimas do preconceito e da discriminação. Muitas vezes, vulneráveis juridicamente e socialmente, essa minoria tem travado verdadeiras batalhas, nas últimas décadas, buscando visibilidade e cumprimento de seus direitos. Nesse difícil processo, a comunicação tem se mostrado uma aliada imprescindível, mesmo que, debatendo

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da Devry-Fanor, email:

josevasconcelos.jornalismo@outlook.com

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da Devry-Fanor, email: jrsn13@hotmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor Doutor do Curso de Jornalismo da Devry-Fanor, email: marquesdiego@usp.br

sempre que tipo de modelo de comunicação queremos nos seios dos movimentos sociais. A grande mídia, no entanto, tem DNA conservador, e a luta por direitos humanos perpassa em combater a centralização se tomarmos como referência legal essas reações. A coluna Cena G do jornal O Povo é um desses exemplos que surge como quebra e resistência de um espaço, desmistificando o segmento GLS, combatendo a intolerância e abrindo espaço para se discutir, de maneira clara, os assuntos mais relevantes para a comunidade LGBTT.

Promove, ainda, uma ligação direta entre seus pares, refletindo e divulgando, dentro de um veículo convencional, a diversidade sexual, privilegiando a diferença, além de realçar sua identidade sobre os diversos acontecimentos e a estrutura social apresentada. Assim, consideramos pertinente reforçar a importância que a coluna cria dentro de um grupo, as possibilidades que gera, quebrando limites e tensionamentos para “implementar” uma cultura contra hegemônica traduzida em uma língua cognoscível para além do seu público de interesse. Como afirma Ribeiro (1995), esta nova cultura pressupõe a existência, isto é, de uma competência que permita o acesso e a compreensão daquele universo simbólico, algo que, como afirma Bourdieu (1983), nunca pode ser dissociado de intrincadas relações sociais e de poder.

Cena G nasce dentro do O jornal O Povo, o mais antigo em circulação no Ceará, editado em Fortaleza chega às bancas desde o ano de 1928, vencedor de vários prêmios de Jornalismo ao longo de sua história manteve-se sempre fiel a um discurso pluralista universal da comunicação e de abertura as minorias.

LGBT: VISIBILIDADE EM CENA G

Na sociedade atual, ainda persiste a discriminação, violência e o preconceito em questões de gênero e identidade social. A orientação sexual não deve ser obsoleta, ou quesito que defina a identidade de uma pessoa, para entender que o outro independente de sua orientação é alguém que merece respeito, com direitos e deveres garantidos em sociedade.

Um caso mais recente, Dandara dos Santos, sendo cruelmente assassinada em Fortaleza por ser travesti. Ganhando destaque na mídia alternativa, o vídeo que repercutiu nas redes sociais, e posteriormente na mídia tradicional brasileira e internacional, trouxe visibilidade à dura realidade de pessoas trans no Ceará. Com a invisibilidade que Dandara

carregou em vida não findou com sua morte, mas só com a espetacularização nas redes sociais. Ganhounotoriedade, assim como a família sabia que eram frequentes as agressões que sofria, e eram sistemáticas, afirma Maranhão (2017).

Há 12 anos nascia a coluna Cena G no jornal O Povo, do jornalista Émerson Maranhão, que vem sendo destaque pelo universo LGBTT. Com edições semanalmente, tanto online como no jornal impresso, um espaço em uma mídia tradicional, um marco em uma sociedade que atravessa mudanças e transformação consolidando a informação dessa minoria. No início retratava os avanços do casamento gay no Brasil e no mundo, das festas em boates. Nesse cenário destacamos a crescente aprovação da união estável entre pessoas do mesmo sexo, em Fortaleza. Pela pesquisa realizada em 2016, contra 2010, pelo jornal O Povo e Datafolha. Em outra pesquisa sobre a homofobia, que tem se tornado assunto urgente em nossa sociedade. A pesquisa nacional pela agência Nova/SB em 2016 revelou que mais de 51% dos entrevistados são favoráveis a luta contra esse tipo de crime no país.

Em novembro de 2016, foi fundada a primeira Associação Transmasculina do Ceará (ATRANS-CE). Com o objetivo de garantir políticas públicas em áreas como saúde, educação e segurança para a população de homens trans. Observamos que esses movimentos sociais, pela igualdade de gênero proclamam a luta na esfera pública.

Nós nos servimos de termos desterritorializados, ou seja, arrancados de seu domínio, para reterritorializá-los em outra noção, o “rosto”, a “rostidade” como função social. E, pior ainda, as pessoas são continuamente jogadas nos buracos negros, dependuradas em muros brancos. É isso ser identificado, fichado, reconhecido: um computador central funcionando como buraco negro e passando sobre um muro branco sem contornos. Falamos literalmente. Justamente, os astrônomos têm em vista a possibilidade que, em um aglomerado globular, todo tipo de buracos negros se juntem no centro em um buraco único de massa bem grande (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 15).

Nessa busca de espaço, sua reterritorialização segundo Deleuze começaram a opor ao sistema implantado, ou seja, tradicional. “E as árvores não são uma metáfora, são uma imagem do pensamento, são um funcionamento, são todo um aparelho que se planta no pensamento para fazê-lo andar direito e fazer com que produza as famosas ideias justas” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 21).

A coluna de Émerson destaca conquistas públicas desse universo. De acordo com Maranhão, a justiça do Ceará concedeu a uma estudante trans a possibilidade de mudar seu nome no registro de nascimento. “Ao entrar com ação, a estudante sustentou que desde a infância se reconhece como menina, disse que já faz tratamento hormonal e pretende realizar cirurgia de readequação sexual” (MARANHÃO, 2017, p. 1).

É notório que essa coluna tem incomodado várias pessoas. Neste mesmo ano, um leitor liga para a redação do jornal, que incomodado queria fazer uma reclamação. “Tem muito viado no jornal deste domingo. Assim não dá! Tem fotos de casal gays, homem vestido de mulher...” contestou o senhor. É reveladora o incômodo, que pontua entre os que creem que as minorias sexuais são condenadas naturalmente à margem da sociedade (MARANHÃO, 2017, p. 2). Situações que transcendem ao nível de visibilidade da mídia.

Todo ser humano merece respeito, independentemente de sua orientação ou gênero. Maranhão (2017) ressalta, que é melhor se acostumar, porque vai ter viado no jornal sim. E cada dia vai ter mais um viado no jornal, pois a invisibilidade acabou. Não é desaforo, nem crime, onde os tempos mudaram e os supostos bons costumes ficaram no passado.

HEGEMONIA E PLURALISMO

Observa-se, no entanto, que a coluna cena G quebra uma hegemonia exercida sobre aquele determinado espaço de mídia e sociedade, tenta conter através desse espaço suas classes dominantes e opositoras. E por isso que diversos autores falam de uma classe dirigente e dominante ao mesmo tempo. Nas palavras de Gramsci (2002, p. 62-63):

A supremacia de um grupo se manifesta de dois modos, como “domínio” e como “direção intelectual e moral”. Um grupo social domina os grupos adversários, que visa a liquidar ou a submeter inclusive com a força armada, e dirige os grupos afins e aliados. Um grupo social pode e, aliás, deve ser dirigente já antes de conquistar o poder governamental (está é uma das condições fundamentais inclusive para a própria conquista do poder); depois quando exercer o poder e mesmo se o mantém fortemente nas mãos, torná-la dominante, mas deve continuar a ser também (dirigente).

O espaço que se cria nesse veículo é sem dúvidas um avanço, quebra hegemônica, balanço de poder e ruptura com a problemática de um nicho, somos sujeitos políticos e

correspondemos às diversas vontades coletivas resultantes de articulações políticas e ideológicas, forças históricas dispersas e fragmentadas.

Em um país, em que se mata a população de gays, lésbicas, trans no mundo, os movimentos a favor dessas minorias vem crescendo a cada ano. Grupos de mobilização, associações que levantam a bandeira em prol da existência e notoriedade institui a resistência dos movimentos sociais.

Cena G é sem dúvida dinâmica, mas não deixa de estar presa a um território existencial muitas vezes fixo e intransponível, ao se expor a um público que mesmo específico, está em constante processo de mudanças, situando-se como diriam Deleuze e Guattari, na mais pura eminência. É possível pensar num movimento contínuo de desterritorialização, no qual Cena G e seus atores caminham numa direção do que Guattari chama “co-gestão com a produção da subjetividade”, desenvolvendo uma alteridade não linear, mais constante, da abertura de novas possibilidades ao se relacionar com o outro. “O fato de se formar em territórios existências singulares lhe confere, com efeito, uma potência de heterogênesse, quer dizer, de aberturas para processos irreversíveis de diferenciação necessários e singulares” (GUATTARI, 1992, p. 29).

A verdade é que a coluna segue um fluxo e se estratifica, indo além do movimento que tão claro representa, Cena G é transversal as práticas e ao veículo que se insere, polemizando e construindo dentro de um coletivo fechado, no caso o Jornal O Povo, uma nova dimensão, através da exposição gerada, para questões e diversas ações empreendidas pelo movimento LGBTT. É possível considerar que grupos como estes, usam tal dispositivos como real afirmação a partir de modos subjetivos abordados na micro e macropolítica. No modo da experiência, naquilo que acontece como acontecimento do movimento em si, Foucault diz:

Acontecimento não é uma decisão, um tratado, um reino, ou uma batalha, mas uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra faz sua entrada, mascarada (FOUCAULT, 1981, p. 28).

No dia 23 de abril, a igreja católica abriu as portas para um batizado de três adolescentes, filhos de um casal homossexual em Curitiba (PR). Tornou-se um marco a celebração do sacramento na luta pela abertura da igreja a famílias homoafetivas (MARANHÃO, 2017). Essa quebra de paradigmas, hegemonia da igreja, transcreve a luta dessa minoria em defesa da igualdade.

Cena G é um exemplo molecular, promovendo claramente uma real pluralidade, estabelecendo a ascendência ou a descendência das linhas de poder, permitindo a migração destas informações para as mais diversas camadas tornando-as mais líquidas e escorridas, sem perder seu real valor e intenção. É justamente na análise da microfísica do poder e sua amplitude da qual se ocupou Michel Foucault por mais de uma década, que essa ideia se concentra e vem à tona nas “formas regulamentares e legítimas do poder em seu centro”, assim Cena G tenta flagrar esse poder institucional e material “em suas extremidades, em suas ramificações, lá onde ele se torna capilar” (FOUCAULT, 1979, p. 182), deseja surpreendê-lo, dirigindo gestos e comportamentos, funcionando de forma circular, em cadeia, realizando assim uma análise ascendente do poder a partir da informação:

[...] de mecanismos infinitesimais que têm uma história, um caminho, técnicas e táticas e depois examinar como estes mecanismos de poder foram e ainda são investidos, colonizados, utilizados, subjugados, transformados, desdobrados, etc. por mecanismos cada vez mais gerais e por formas de dominação (FOUCAULT, 1979, p. 182).

É possível uma compreensão de que o espaço oferecido pelo jornal O Povo a essa minoria, tenta corrigir uma injustiça de mídia e espaço, oferecendo ao público LGBTT um lugar e função. Sabemos que depois de um tempo essa relação será na realidade uma prática mutante de identidade, certamente sem deixar de seguir novos fluxos e encontrar novas capturas.

Aos poucos vem sendo destaque em uma página do jornal impresso, sem esconder a legitimidade de direitos iguais. Em decisão da justiça brasileira, em 2010 reconheceu relacionamento entre dois homens como “união estável” e nos aproxima de países civilizados. A decisão da 3ª turma do Superior Tribunal de Justiça (STJ), reconheceu o direito de companheiros do mesmo sexo à previdência privada complementar (MARANHÃO, 2010).

Outro aspecto importante, a internet, que representa a nova era para a mídia alternativa. Promove qualquer cidadão, sem esconder a realidade que a mídia tradicional oculta. Downing (2004, p. 270) afirma que é o primeiro veículo que oferece, aos indivíduos e coletivos independentes de todo mundo, a chance de se comunicar-se, com suas próprias vozes, com uma audiência internacional.

Podemos destacar o avanço em outra mídia tradicional, o jornal Folha de São Paulo. Em 2016 lançou o blog “Gays e Afins”, espaço que trata de assuntos referentes ao universo gay. O movimento LGBTTT reforça a luta, de uma classe resistente a uma sociedade tradicionalista, que recorre a fundamentos utópicos contra questões de identidade social.

Mas mesmo quando se distingue a fuga e a viagem, a fuga continua a ser uma operação ambígua. O que nos diz que, sobre uma linha de fuga, não iremos reencontrar tudo aquilo. de que fugimos? Fugindo do eterno pai-mãe, não vamos encontrar todas as formações edipianas sobre a linha de fuga? Fugindo do fascismo, nós encontramos concreções fascistas sobre a linha de fuga. Fugindo de tudo, como não reconstituir tanto nosso país natal quanto nossas formações de poder (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 32).

A fuga de territórios ocultos, ou marginalizados, Cena G mostra o universo LGBTTT. “O ideal seria ser tratada como modelo apenas, pelo meu biótipo. Acho que, sim, no momento em que você usa esse rótulo de trans já tem um preconceito aí” Valentina Sampaio (MARANHÃO, 2017, p. 3). A top model cearense, sendo a primeira modelo trans a estampar a capa da Vogue Paris.

CENA G E A EXPOSIÇÃO DO MOVIMENTO

A coluna lança um diálogo real de vozes até então cobertas, e apresenta a forma radical de se opor a determinada ideologia da mídia comercial tradicional como verdadeira necessidade de visibilidade, muito claro na colocação de Downing “se eles nos assistem, devemos dar-lhes o que querem e o que necessitam”. Embora não distinga-se os diferentes grupos entre os oprimidos Findley sugere que os processos de aprendizado defendidos por ele podem, não obstante, ser um importante recurso para os movimentos sociais “em sua luta por alcançar e manter um entendimento comum acerca dos problemas que tencionam abordar e, a partir daí, trabalhar para obter um consenso sempre renovado sobre estratégias, táticas e

procedimentos” (DOWNING, 2004, p. 83). Com a utilização de Cena G o movimento LGBTTT não procura atingir somente um público específico, há um claro desejo de ampliar essas informações, de esclarecer, conscientizar e debater em qualquer âmbito, usando a comunicação e sua força.

A comunicação está no âmago da atividade prática coletiva, da produção social do conhecimento que emana dessa atividade e, ao tempo, a pressupõe. Portanto, está no âmago da produção histórica da sociedade e da autoprodução humana (GENRO FILHO, 1987. p. 126).

Cena G claramente pertence há um movimento social que tenta se utilizar desta mídia massiva, afirmando sempre suas necessidades, ligadas diretamente a mídia radical de ser contra hegemônica e promover verdadeiras rupturas no que é considerado certo pelo todo.

A existência de um processo de organização coletiva é se caracterizar pela consistência dos laços, identidades compartilhadas, certa durabilidade e clareza não só no uso de táticas (mobilizadoras, comunicativas, civis, judiciais etc.) mas também nas estratégias, como aquelas envolvendo um projeto amplo de sociedade, ou pelo menos , propostas de programas para determinados setores (PERUZZO, 2013, p. 76).

Downing (2004) diz que enfrentar o capitalismo não demanda apenas destronar a hegemonia vigente, mas existe a necessidade de impor uma visão alternativa. O domínio cultural e de liderança, que seja convincente de como seria um novo modelo de organização, uma nova visão alternativa de domínio cultural e liderança. É imprescindível reconhecer esse processo de inserção dentro da mídia alternativa, e sua diversidade dentro deste universo dos diversos movimentos sociais que ousam se expor nesse caso específico o LGBTTT.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos exemplos, análise e citações de Deleuze, Gramsci, Foucault e diversos autores procuramos neste artigo demonstrar como a coluna Cena G do jornal O povo amplia de forma muito clara a visibilidade do movimento LGBTT cearense dentro da mídia tradicional local, uma resistência e proclamação de uma minoria que precisa e busca há décadas esse espaço. No texto, através de pequenos relatos do jornalista Émerson Maranhão, que assina a coluna explicitamos a relação que cena G cria com seu público é de que forma isso contribui para uma exposição positiva da luta por igualdade e reconhecimento.

Nas análises, conseguimos observar que a coluna se agencia e busca a todo momento manter sua verdadeira identidade sem romper jamais com a estrutura que representa, fato claramente tratado quando expomos Deleuze e o espaço da micropolítica, território, desterritorialização, reterritorialização. Ao tratarmos no trabalho sobre a ligação de Cena G com hegemonia e pluralismo, trouxemos Gramsci e a relação que o mesmo criou em sua obra sobre dominantes e opositores, supremacia, manifestação e domínio. Foi possível no desenvolvimento de nosso artigo ligar e apresentar Cena G como um exemplo molecular e cristalizado da verdadeira micropolítica proposta por Foucault.

Nosso texto buscou relacionar a coluna do jornal como uma forma de mídia radical, usamos Downing e sua ideia de coletividade independentemente, para firmar este ponto. Contudo, por diversos momentos desejamos detalhar no artigo como Cena G lança voz e questionamentos para um espaço além de expressões genéricas e adjetivações estigmatizados, no discurso que por muitas vezes descaracteriza a identidade dos diversos atores desde movimento que buscam nestes veículos de imprensa uma afirmação. Ressaltamos a atenção do tema e o correlacionamos a partir da discussão colocada, de uma mídia que para nós e os autores citados, é fruto muitas vezes de uma decisão autônoma, que enxerga na coluna Cena G um vasto terreno estratégico de intervenção do debate social. Pensamos o fenômeno e as situações tratadas no artigo não somente para construir um diálogo com as contribuições acadêmicas, mas para expor o quanto a classe LGBTT sofre com a falta de espaço em veículos de grande exposição. Acreditamos que a maior contribuição desse trabalho foi mostrar a importância de como esse espaço conecta o movimento LGBTT e o torna mais

evidente quando pensamos na dura realidade das divisões que por diversas vezes tentam sucumbi-los, Cena G democratiza, gera perspectivas fortalece e estimula uma minoria.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. *In*: ORTIZ, Renato. (Ed.). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983.
- DELEUZE, G; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- DOWNING, J. D. H. **Mídia Radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Senac, 2004.
- FOUCAULT, M. Soberana e disciplina: curso do collège de France. 1976. *In*: MACHADO, R. (Org.). **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**: vol. 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- MARANHÃO, É. Como Dandara me dói vazequando! **O Povo**, Fortaleza, 17 mar. 2017. Cena G, p. 1. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/jornal/colunas/cenag/2017/03/como-dandara-me-doi-vazequando.html>>. Acesso em: 20 abr. 2017.
- MARANHÃO, É. Estamos quase lá...**O Povo**, Fortaleza, 10 fev. 2010. Cena G, p. 1. Disponível em: <<http://www20.opovo.com.br/app/colunas/cenag/2010/02/10/noticiascenag,953035/estamos-quase-la.shtml>>. Acesso em: 20 abr. 2017.
- PERUZZO, C. M. K. Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou” (?). **Matrizes**, São Paulo, ano 7, n. 2, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/69407>>. Acesso em: 30 abr. 2017.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. A Internet e a emergência da comunidade imaginada transnacional. **Revista Sociedade e Estado**, v. 10, n. 1, p. 181-191, jan./jun. 1995.